

“SONHAR COM REI DÁ LEÃO”: CONTRAVENÇÃO, CARNAVAL E VIOLÊNCIA NO CONTEXTO DE TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA

Resenha de JUPIARA, Aloy; OTÁVIO, Chico. *Os porões da contravenção: jogo do bicho e ditadura militar: a história da aliança que profissionalizou o crime organizado*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

Carlos Eduardo Dias Souza¹

Capitão Guimarães, famoso bicheiro, um dos fundadores da Liesa e presidente da Unidos de Vila Isabel nos anos 80, traz em seu codinome marcas dos seus tempos de militar: “capitão”. Aniz Abraão David, o Anísio da Beija Flor, e Castor de Andrade, da Mocidade Independente de Padre Miguel, ainda que não fossem militares de carreira, construíram sua reputação no jogo do bicho, no mundo do carnaval e na sociedade em geral a partir de intensas relações com agentes da repressão, desde os anos 1970. Os três são personagens do livro *Os porões da contravenção*, dos jornalistas Aloy Jupiara e Chico Otávio, no qual os autores desvelam as relações entre agentes da repressão do regime militar e figuras associadas à contravenção, pondo em xeque questões caras geralmente associadas ao período militar: a moralização da sociedade e o controle da violência.

O caso do enredo da Beija Flor de 1976, *Sonhar com rei dá leão*, apresentado como uma homenagem a Natal da Portela, ele próprio famoso bicheiro, é explorado pelos autores como um dos vários exemplos das relações construídas entre contraventores e agentes de ditadura. Segundo Jupiara e Otávio, nos seis capítulos do livro – dois para cada um dos bicheiros, Guimarães, Anísio e Castor –, a ascensão dos bicheiros a posições de poder e prestígio político tem relação direta com o apoio costurado por esses personagens junto a agentes da repressão política do regime militar. Nos anos de redemocratização, no início dos anos 80, o desmonte desse aparato repressivo fazia de seus ex-agentes personagens fundamentais na construção

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP).

de todo um aparato baseado em dinâmicas da hierarquia militar, somada à formação para a investigação de “inimigos” – o que passava pelo recurso à violência física –, desde então, no jogo do bicho. Dos quartéis da Vila Militar para as escolas de samba fluminenses, contrabando, corrupção e violência passariam a fazer parte do dia a dia dos habitantes da região, por detrás de enredos tanto lúdicos quanto luxuosos como o apresentado pela Beija Flor naquele ano de 1976.

Mesmo não sendo um livro escrito por historiadores, *Os porões da contravenção* possui dois grandes méritos: além de estar baseado em entrevistas e leituras feitas junto a pesquisadores renomados do regime militar, da violência e do carnaval, o livro faz uma clara associação entre violência e o aparato repressivo do regime militar. No caso que aqui nos interessa mais de perto, a violência na Baixada Fluminense, cujo estigma vem de anos e ainda pesa bastante, a “caça aos comunistas” e a outros “subversivos” serviu de pretexto tanto para a formação dos famosos esquadrões da morte, alguns em atuação na região até os dias de hoje, quanto pavimentaram a ascensão de grupos ligados à contravenção na região, cujo recurso à violência tinha, em os próprios agentes do Estado, garantidores do poder quase sem limites de famílias como a de Anísio na região de Nilópolis.

Como recurso didático, o livro possui também grandes vantagens. A primeira reside na narrativa leve e fluida, que apresenta casos de perseguição e assassinatos, mas não tem no destrinchamento das variadas mortes promovidas por esses bicheiros o foco da discussão – o que o distancia dos “romances policiais” típicos. A segunda está na clarificação do recurso à violência como estratégia associada não apenas ao combate à criminalidade, mas, principalmente, como dinâmica social intimamente ligada à construção do poder por parte de contraventores, com a conivência, às vezes ambivalente, de agentes do regime militar. Longe de fazer da violência corolário e estigma da pobreza reinante em regiões como a Baixada Fluminense, o livro apresenta seu crescimento como intimamente relacionado a jogos de azar e disputas pelo poder político na região. Assim, o alvo dos militares da Polícia do Exército da Vila Militar, nos anos 60, era o trabalhismo de Getúlio Vargas, que ainda seria forte entre políticos da região, e a caça a pequenos traficantes sem maior peso político. A situação de perseguição que se criara – além do clima de desordem que deveria ser pacificado,

incluindo possíveis células comunistas identificadas na região pelo regime –, justificava a aproximação entre comerciantes locais, polícia e Exército “em busca de proteção”, abrindo o caminho para a formação e ascensão dos esquadrões da morte na Baixada (JUPIARA; OTÁVIO, 2015, pp. 24-27).

A lógica brutal utilizada por militares na repressão a subversivos, cujo recurso à tortura física e psicológica ganhava ares profissionais em espaços como a Casa da Morte de Petrópolis, passaria, desde os anos 70, dos porões do regime para as ruas. Por meio dos mesmos atores – militares cooptados pelos bicheiros –, a violência tomava as ruas sob a justificativa de uma “limpeza” social, considerando como alvos pequenos bicheiros e contraventores cada vez mais fora dos recursos de poder que se complexificariam quando Guimarães, Anísio e Castor tomaram as escolas de samba como maneira de “limpar suas barras” e se apresentarem socialmente.

Não se pretende com isso dizer que a violência na Baixada é resultado exclusivo da atuação de bicheiros e contraventores. Como bem destacou José Cláudio Souza Alves, o recurso à violência também seria uma estratégia coletiva entre setores populares na região como forma de resolverem problemas, especialmente fundiários (ALVES, 2003, pp. 98-100). O ponto, que aparece no livro de Jupiara e Otávio, reside na legitimação do recurso à violência por parte das camadas dominantes da Baixada Fluminense e que ganha forma e força na região desde o golpe de 1964 por meio do jogo do bicho e dentro de associações como as escolas de samba.

Uma crítica velada também é feita pelos autores ao processo de engrandecimento das escolas de samba: por trás do brilho e da alegria reside o terror promovido pelos bicheiros, cujos recursos passam a financiar carnavais cada vez mais luxuosos. Uma espécie de “hierarquia moral da clandestinidade” seria construída como forma de legitimar o apoio de bicheiros às escolas: o seu “amor à escola” e sua “preocupação com a comunidade” do samba fariam deles um “mal menor”, segundo Maria Laura Cavalcanti (2009, p. 109). Ao mesmo tempo, especialmente após a criação da Liesa em 1984 – a liga que passaria a organizar os desfiles das maiores escolas –, os desfiles, cada vez mais, estariam associados ao poder de decisão dos bicheiros, que passariam, além de indicar e indiretamente controlar o júri do desfile carnavalesco, a

forjar vencedores e também a controlar os recursos do carnaval, até então nas mãos da Riotur. O carnaval seria “privatizado”, ainda segundo Jupiara e Otávio.

Nesse sentido, ascensão e queda de escolas de samba identificadas à elite do carnaval – como a maior parte das dez grandes que fundaram a Liesa –, em tempos de luxo passariam a ter relação não apenas com questões de financiamento, mas também de “relacionamento com ricos protetores”, segundo Maria Isaura de Queiroz (1999: 83), cujos estudos foram pioneiros na investigação das relações do jogo do bicho com as escolas de samba. Ainda que a autora concorde que os bicheiros faziam das escolas trampolim de seus processos de busca por controle e aceitação social, a esfera das relações de agentes da contravenção com o regime militar é um dos méritos da obra de Jupiara e Otávio. Cavalcanti, em seus estudos sobre a *Mocidade*, já havia atentado para as tênues relações dos bicheiros nas escolas de samba com o poder público, mas não havia esmiuçado o caráter dessa relação, que contava com militares a serviço dos bicheiros, como *Os porões da contravenção* nos apresenta.

Assim, desfiles como *Sonhar com rei dá leão* não teriam como fundamento apenas a imaginação do povo, como diz aquele samba-enredo da *Beija-Flor*, mas, principalmente, a presença de relações escusas entre bicheiros, na posição de patronos ou presidentes de escolas de samba, sambistas e poder público na definição de todo ou quase todo o processo carnavalesco. “O palpite certo é Beija-Flor!”, diz ainda o mesmo samba de 1976. Anísio e outros tão famosos bicheiros que o digam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, José Cláudio Souza. *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias: APPH, Clio, 2003.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Festa e contravenção: os bicheiros no carnaval do Rio de Janeiro. In CAVALCANTI, Maria Laura e GONÇALVES, Renata (orgs). *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

JUPIARA, Aloy; OTÁVIO, Chico. *Os porões da contravenção: jogo do bicho e ditadura militar: a história da aliança que profissionalizou o crime organizado*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

Recebido em 01 de junho de 2016.

Aceito em 23 de junho de 2016.